

Echos de Guimarães

Director e Editor, Tomás Rocha dos Santos

Redacção—Rua 31 de Janeiro

Administração—Rua do Paio Galvão, 70

SEMÁNARIO MONÁRQUICO

Propriedade da Empresa

DOS

ECOS DE GUIMARÃES

Officinas de composição e impressão

Tipografia Minerva Vimaranesse

68, Rua do Paio Galvão, 72

GUIMARÃES

“Revolução, porquê?”

Do *Dia*, nosso querido e brilhante colega da capital, transcrevemos com a devida venia o seu editorial de 16 de setembro.

Em absoluto concordamos com a opinião do esclarecido jornalista sr. Moreira de Almeida, que não só honra a imprensa monárquica como a imprensa portuguesa, de que, sem dúvida, é um mestre, pela sua inteligência, pelo seu saber, pelo seu carácter e pela sua honestidade.

O sr. Presidente Sidónio Pais e todos os da *república nova* devem estar agora absolutamente convencidos da impossibilidade de desarmar os *avançados*, dando-lhes uma ponte de passagem, que eles se recusam obstinadamente a transpôr—decididos como estão a jogar a última cartada nos morticínios da nova *revolução!*

Já se anuncia o programa dos festejos comemorativos do dia 5 de outubro—o oitavo aniversário da *redempção* republicana, que só nos tem trazido horrores e ruínas—e ainda hontem se jugou mais outra *revolução*, o que, denotando a vigilância preventiva do governo, a qual não regatearemos louvores, mostra a instabilidade incurável dum sistema político em que os seus adeptos mantem uns contra os outros perpétuas lutas de extermínio e de morte!

Chega a ser irrisório e denuncia uma fraqueza que passa as marcas das últimas humilhações, que a tais inimigos e quando eles preparam o salto demagógico, tendo o país sob a ameaça de mais chacinas, se fale brandamente em *aproximação da família republicana*—que simpática família!—em vez de se usar da linguagem áspera e firme de quem tem por si a força e a razão e está disposto a liquidar, sem condescendências, que são vergonhosas capitulações, os atentados que se praticam contra a ordem, que neste momento crítico são *crimes de lesa-pátria!*

Nem com o rótulo político, nem sob os pretextos económicos, pôde hoje ter perdão ou ser acolhido com contempções e *aproximações* degradantes quem prepare ou realice um acto revolucionário da demagogia em Portugal!

São difíceis as circunstâncias da vida, que é extremamente cara? Em todos os países, até nos neutros o são. E se entre nós podiam e deviam ser relativamente mais desafogadas, as principais culpas não pertencem ao sr. dr. Sidónio Pais nem aos homens honestos que o acompanham, mas áquelle bando de energúmenos sem escrúpulos da *união sagrada* que nos levaram a tal situação e, depois de terem feito a *requisição* dos navios alemães, os entregaram estupidamente e gananciosamente em mãos estrangeiras pelo *negócio Furness*.

Que justiça teria esse pretendido direito revolucionário para reconduzir ao poder os auctores e cúmplices de tais crimes?

As classes operárias sofrem com a carestia da vida? Sofrem hoje como toda a gente... Mas será interessante inquirir se entre nós os aumentos enormíssimos dos salários, que nem sequer tem sido função do aumento de produção, darão a essas classes com-

pensações largas que na sua economia estejam sensivelmente atenuando os desequilíbrios dos *deficits* domésticos, abertos pelo acréscimo do preço das cousas.

Quanto ganhavam antes da guerra e quanto ganham hoje essas classes trabalhadoras, principalmente as que nas grandes cidades promovem tais movimentos?

Outras classes não fizeram greve, e nem tem imposições, nem ameaças com os comícios, nem votaram complicadas *moções* e tem que aguentar-se com a carestia da vida, especialmente sensível aos que, havendo de manter as chamadas *despesas de representação*, que a todos oneram desde as classes médias, não podem, todavia, exigir para o seu trabalho melhores *tabelas*.

A época é de sacrifícios e nós não devemos esquecer que não só assistimos à maior guerra da história de todos os tempos, mas que estamos *dentro dela*. Não se é impunemente beligerante!

Não se vê nos outros povos beligerantes estalar uma *revolução* em cada seis meses: e quando uma convulsão se dá, como na Rússia, cuja capital agora está ardendo, todo o mundo assiste atônito á pavorosa hecatombe!

E' para uma situação análoga que pretendem levar-nos os *avançados*? E' assim que se resolve em Portugal a carestia da vida? E' com propagandas subversivas, com o troar da artilharia, com as descargas de fusilaria, com as explosões das bombas de dinamite, com as chacinas e as pilhagens que se extingue... a crise das subsistências?

Revolução, para quê? Revolução, porquê?

Não a queremos agora nós, que somos os adversários do regimen, *mas acima de tudo portugueses*.

Como cometem a infâmia de prepara-la os que, embora inimigos entre si, sustentam o mesmo regimen, que uma revolução agora reduziria a pó?

O governo, defendendo-se, sustenta não já a república, mas a ordem social ameaçada.

Tem-nos, portanto, a seu lado e sem reservas e com elle devem estar *todos* os conservadores, *todos* os que não querem a Pátria sepultada na Anarquia, sem que tenham de olhar às côres da sua bandeira ou aos lemas dos seus programas.

Amigos dos operários não são os que, tendo mandado encerrar a Casa Sindical e atirado com os que lá estavam para o fundo dos porões dos navios de guerra e das casas-matas dos fortes ou tendo-os espingardeado nas ruas como no trágico *12 de julho*, agora querem servir-se d'elles como ins-

trumentos e como degraus para ascenderem ao poder e recomeçarem a mesma infamíssima politica de ódios e de ganhos, paga pelos *novos ricos*, que se tornariam *novos riquíssimos!*

Amigos dos operários são os que os não lisongeiavam e enganavam com falsas adulações e os chamam sinceramente para o estudo sereno e bem intencionado das questões económicas, em cuja acertada solução todos temos igual interesse.

O governo não pôde hesitar no caminho a seguir: nem deveria praticar a gravíssima imprudência de esperar que saísse a revolução para a rua... para sufocá-la depois. Quem pôde dizer com segurança o que seria esse *depois*?

Com o sub-solo ardente e as ondas demagógicas a precipitarem-se, abertos os diques a esse mar de fogo, que restaria de pé?

O governo tem de usar de excepcionallissimas medidas para manter a ordem pública? Use as sem hesitar. Dentro das amplíssimas autorizações parlamentares que o parlamento da *república velha* votou e se não revogaram, cabe tudo o que precisar fazer na defesa do país: e a ordem é a condição fundamental dessa defesa.

Ninguém o arguirá por excesso mas ninguém lhe perdoará a fraqueza. E só ficaria para sempre manchado e com toda a força moral perdida quando, descendo a pedir treguas aos seus mortais inimigos, lhes oferecesse uma aliança entre a *república velha*, a do *14 de maio*, e a *república nova*, a do *5 de dezembro!* E' que muito peccado do que as violências que comprometem, são as transigências que desonram!

A questão política

Ao sr. dr. Sidónio Pais devemos o grande beneficio de nos livrar da sanha demagógica que trazia toda a nação em desassossego. Mas parece-me que elle não pôs bem a questão politica desde o principio. Pretendeu fazer uma república nova na persuasão de que seria bem aceita na nação. Declarou-se abertamente republicano e resoluta a sustentar o regime vigente. Ora é aqui que está, me parece, o seu erro de visão.

O que nós precisamos e o que desejam todos os patriotas sinceros, é que se salve a nação dos temerosos perigos que a rodeiam. Esta é a questão máxima que deve merecer os primeiros e mais sollicitos cuidados do governo, seja qual for a sua feição partidária.

A forma de governo é uma questão secundária, cuja solução deve ficar para mais tarde. Desde que a nação esteja livre de perigos internos e externos, resolverá se quer a actual forma de governo ou se prefere outra.

Por enquanto não convem tratar d'esse assunto que é uma fonte de discórdias e divisões.

Por isso, a meu ver, o sr. Sidónio Pais, após o seu magnífico triunfo sobre a demagogia, devia apelar para todos os homens de boa vontade, quaisquer que fossem as suas simpatias e crenças politicas, affirmar de que o auxiliassem no restabelecimento da ordem e na conjuração dos males que nos

oprimiam. Aceitava a actual forma de governo, porque nas circunstancias presentes não convinha fazer a sua mudança, e punha todo o seu cuidado em escolher homens que leal e honestamente cooperassem na sua obra libertadora. Não se importava de que fossem monárquicos ou republicanos, contanto que por um pouco se esquecessem das suas afeições partidárias.

Acima dos partidos, todos deviam ver a imagem adorada da pátria que era preciso salvar. E assim o sr. Sidónio Pais teria a seu lado todos os bons patriotas, todos aqueles que pospõem as suas simpatias politicas aos supremos interesses da nação.

Entendeu elle pôr a questão doutro modo e é daqui que lhe tem surgido as maiores dificuldades. Quere o apoio de todos e no entanto proclama-se republicano e pretende sustentar a república. Donde resulta que não agrada a ninguém e corre o perigo de ficar desamparado.

Não agrada aos monárquicos, porque claramente lhes diz que a república ha de ficar; nem tam pouco agrada aos republicanos, porque pretende dar outra feição á república. Todos desconfiam dele e se retraem, não lhe prestando aquelle apoio e auxilio de que precisa para fazer alguma coisa.

Cada qual procura tirar proveito da actual situação sem lhe retribuir em dedicação o proveito que tira.

Já não succederia assim, se o sr. Sidónio Pais desde o principio tivesse dito: demos treguas ás luctas partidárias que tantos males nos tem causado; enquanto a nação estiver em perigo, não haja republicanos nem monárquicos, mas tam somente portugueses e patriotas. Mais tarde, depois de conjurado o perigo, cada um retomará a sua posição. Se assim tivesse dito e procedido, não seriam tantas as dificuldades da hora presente; e todos unidos, como deviamos estar, conseguiríamos preparar um melhor futuro para a nossa querida pátria.

P. A.

FORA COM A DEMAGOGIA!

Ha-de ser difficil encontrar na história dum povo, uma serie de pulhas do calibre dos que predominavam no democratismo, agora felizmente escorraçados do poder.

O Afonso, esse camafonge que nos tempos da propaganda berrava por toda a parte contra os *esbanjamentos* da Família Real, que tanto censurava o luxo dos combóios especiais, quando da revolução de dezembro regressava do estrangeiro, onde foi ultimamente a venda do nosso sangue, em combóio especial, acompanhado da familia!

Pois este poltrão e covarde como no geral o são todos os tiranos, depois de condecorado com a Izabel a Católica e a Legião de Honra, depois de nos ter vendido a tanto por cabeça na companhia d'esse grande mulato, degenerado português e talvez ainda mais malandro, não contente em ter cometido todos os crimes, de ter consentido todas as patifarias, depois de ter *acusado ao estrangeiro*, pela boca do seu ministro,

que o movimento de dezembro era germanofilo, sempre mentiroso e sempre vil, continua lá de fóra a instigar os seus compadres de cá a fazerem barulho, a perturbarem a ordem, para de novo se entronisarem no poder, como se o Povo Português ainda consentisse a sua volta ao governo!

Sempre mentiroso e sempre vil, na companhia d'esses renegados como o Pulhote do Rego, parlapatão e grotesco, e Norton, tirano e covarde; António Maria, herói traficante do Rodam, que traía os membros da corporação a que pertencia; Rodrigues, dinastia prefecida e privilegiada; Barreto, general de opereta, ingrato a uma familia que tanto bem fazia á sua; Vieira, o do registo, malandro a toda a prova, todos estes vivos, para não falar nesse ignobil França Borges, que foi um repertorio de infâmias e de crápulas, que durante anos enodou com a sua ascorosa baba o nome das familias honestas e o das Religiosas e Professas que depois ajudou a expulsar; ainda agora quer incitar o operariado contra o governo actual, dizendo-o causador dessa grande crise que se vem atravessando!

Pulhas e malandros, traidores e canalhas, que do país iam fazendo propriedade sua, dispondo de tudo como se d'elles fosse; ignobil matilha, corja de patifes que estão jogando a dados o nome a independencia dum Povo, nobre e illustre, fidalgo e tradicionalista, que quer viver livre e honrado, sem peias e sem ser serventário d'esses heróis de lata!

E depois de todos os conhecerem ainda querem de novo o poder!

Seria uma infamia sem nome, o país consentir essa cafila de ladrões na gerencia dos seus interesses, e, estamos certos que tal não se dará, porque a dar-se, a morte do povo português será um facto!

Precisamos todos de nos munir, todos como um só e dizermos de uma vez para sempre, com factos e com obras que não consentiremos de novo no poder esses bandoleiros, jogadores dos destinos da nossa Pátria, tão querida e tão linda, tão boa e tão tradicionalista!

Já é hora de termos juizo e senão o tivermos então... façamos como o macaco na agua: apertemos as mãos na cabeça e deixemo-nos ir ao fundo e a Pátria terá morrido!

Carteira Elegante

Nascimento

Teve ha dias a sua *delivrance* a ex.^{ma} Senhora Condessa de Vila Pouca, virtuosa esposa do nosso querido amigo e illustre titular do mesmo titulo.

O baptisado da graciosa criança já se fez, tendo-lhe sido imposto o nome de Maria Henriqueta.

De visita a seu venerando pai esteve nesta cidade o nosso querido amigo sr. Dr. Henrique Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride).

Com sua illustre esposa a apreciada escritora ex.^{ma} Senhora D. Clotilde Martins e sua graciosa filha está na Povoia de Varzim o nosso presado amigo sr. Dr. José Martins (Minotes).

Com suas gentis filhas esteve uns dias em Vila do Conde o nosso estimado amigo sr. João Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride).

De Braga regressaram ás suas propriedades de Ronfe os illustres titulares srs. Condes de Vila Pouca.

Estiveram em Sande, com suas gentis filhas, os illustres fidalgos srs. Condes de Castelo de Paiva.

Está gravemente doente na Povoia de Varzim o nosso simpatico amigo Alberto Costa, cujas melhoras desejamos ardentemente.

Esteve nesta cidade o nosso querido amigo e digno presidente da Camara de Fafe sr. Padre José de Castro.

Esteve em Guimarães o nosso illustre amigo sr. Conde de Paçô-Vieira.

Da Povoia de Varzim regressou a Braga o nosso querido amigo e dedicado correligionario sr. Aparicio de Miranda.

Com sua ex.^{ma} familia está em Vila do Conde o nosso estimadissimo amigo e illustre commissario da policia em Braga sr. Sá Guimarães.

Aguas de Melgaço

Senhora da Peneda

(Continuação)

Quando nos falavam da Peneda, sempre nos disseram que existia num local quasi inacessivel, onde apenas se podia chegar a pé e difficilmente a cavallo.

Effectivamente assim é. A Senhora da Peneda fica numa estreita garganta apertada entre ingremes montanhas e enormes blocos de pedra, com duas aberturas, uma mais estreita para os lados da Galiza e outra mais larga, mas fechada ao fundo pela áspera serra de Soajo.

Por qualquer lado fica a enormes distancias de caminhos transitaveis, sendo preciso suportar longas e fatigantes caminhadas para lá chegar.

Ao fundo da montanha, numa planura artificial sustentada na encosta do monte por enormes muros, está o templo da Virgem, bastante amplo e elegante, com uma das torres por terminar, que nada impressiona artisticamente a não ser pelo local onde foi construido.

Desse taboleiro desce-se por um escadario semelhante ao dos Cinco Sentidos do Bom Jesus de Braga, sendo cada lance de escadas encimado por as estátuas da Fé, Esperança e Caridade, feitas de granito, fingindo mármore.

Um grande largo é o terreiro da romaria e desce-se de aí por varios lances de escadas com grandes patamares, tendo dos dois lados 27 capelas representando a paixão de Jesus Cristo e a vida de Nossa Senhora, terminando num largo circulo, com Passos tambem, fechado por um amplo portico a que o povo chama a Porta santa, descendo-se por numerosas escadas para o caminho publico.

A arte pouco aqui tem, mas em compensação a natureza mostrou todos os seus fecundos recursos. Ao lado norte, mesmo junto ao templo, ergue-se um enorme rochedo de granito, cortado a pique sobre a Igreja. É monumental e grandioso o seu aspecto.

Diz a tradição que foi aí que Nossa Senhora fiando apparecia a uma pastorinha, pedindo para ali lhe edificarem uma ermida. A pastorinha transmitiu o pedido ao pároco da freguesia que não a acedidou. Então numa segunda apatição deu como testemunho a cura duma paralitica que ha 30 anos se não mexia. Depois desta prova foi edificada a ermida, depois uma capela maior e finalmente o templo actual.

Do alto desta rocha despenha-se uma queda de agua, bella, grandiosa, dando ao visitante um espectáculo admiravel.

Com a chuva a corrente tinha engrossado enormemente. Quando

o sol abria por entre as escuras nuvens que o toldavam, formava-se um magnifico halos, cambiantes variados de luz, perspectivas encantadoras, que nos deixavam presos por largo tempo, dando por bem empregado o enfado da viagem, que mais não fosse, para apreciar esta beleza natural.

Visto o que mais impressionou os nossos olhos, habituados á cega rega da vida citadina, na romaria, onde havia lenços berrantes das minhotas de mistura com saias curtas, mostrando grossos sapatos ferrados das galeguitas, coletes encarnados, saias e aventais vistosos de Viana, capuchas tristes de burel de Soajo e polainitas de lá crua de Castro Laboreiro e do Gerez, fomos para o luxuoso hotel, onde nos distribuiram 8 camas em 2 quartos, com uma bacia de louça de Prado que a custo se equilibrava sobre uma tabua suspensa em quatro grosseiros pés e duas toalhas e um banco para cada quarto.

Os colchões, de forma cilíndrica, obrigavam os seus felizardos hospedes a difíceis exercícius de acrobatismo para se sustentarem sobre elles, mas não deixaram de ser apreciadissimos naquele local.

Sobre uma já envinagrada toalha comeu-se regaladamente, entre as variadas peripécias do Figueirôa, os risos mofinos do Morega, Justo e Peixinho, deante de quem mão oculta colocou um autentico touro de barro, com dois ferros magistralmente cravados de cernelha.

O Menú, variadissimo, constou de bacalhau cosido com batatas, batatas cosidas com bacalhau e batatas e bacalhau cosidos, que agradaram imensamente e deixaram completamente satisfeitos até os mais gulosos.

Entretanto na mesa visinha cantava-se democraticamente o fado e berra-se admiravelmente, parecendo querer competir com os pais da patria em S. Bento.

Na rua um gateiro dá aos folles, mas nós suspendemos por aqui a narrativa, que ainda vai longe, porque o correio vai partir e todos os hospedes caminham para o portão para a despedida da Ex.^{ma} Sr.^a D. Laura Borralho e intelligentissima filha que abrem um grande vacuo na animação da colonia.

Aqui, no corredor visinho, a Julia, criada dos Pacatos, discute acaloradamente politica, atirando-se aos democraticos, porisso até domingo.

Setembro de 1918.

Padre José de Castro

O nosso presado colega A Ideia, de Fafe, publicou ha dias o retrato do nosso querido amigo Padre José de Castro, illustre presidente da Camara daquela vila, um artigo de homenagem que gostosamente transcrevemos.

Aniversário do nascimento tivera ontem o nosso presadissimo amigo sr. Padre José da Silva e Castro, digno presidente da Camara Municipal, figura de primacial destaque no nosso meio.

Como eclesiastico honra sobremaneira o clero pelo seu talento e peregrinas virtudes e qualidades de caracter.

Na politica concelhia tem sido importante a sua acção, com especialidade desde o movimento libertador de 5 de Dezembro, em que tem dirigido com raro tino e criteriosa abnegação os interesses locais através das crises de toda a ordem, que assoberbam o concelho e o país.

Tão illustre personalidade, que de ha muito vinha tornando-se altamente simpatica, desde a entrada na vida pública, militando no antigo partido progressista, onde era extremamente considerado, adquirira especial relevo depois daquela data, em que tem posto á prova o melhor das suas energias e boa vontade, no generoso intuito de só ser útil á Patria, e á terra que lhe servira de berço.

No complicado problema municipal, erigido das maiores difficuldades, na época que vai correndo, em que não poucos talentos e boas vontades tem sossobrado, o rev. José da Silva e Castro

pode orgulhar-se do triumpho, porque não ha ramo algum de administração que não verse com criteriosa direcção e bom exito.

Apesar da sua entrada no Municipio em adelantada altura do ano económico e cerealifero, e a despeito de quaisquer difficuldades, o rev. José da Silva e Castro pôde ver o concelho abastecido, tanto quanto possível, mercê da sua atenção para a momentosa questão das subsistências, já acercando o comercio dum prudente policiamento e regulamentação, já instituindo um celeiro em condições de poder satisfazer ás necessidades das classes pobres da vila, em harmonia com a sua bolsa.

A sua vida pública vai desta forma assinalando-se como preciosissima, motivo porque augmentam dia a dia as sympathias para a sua pessoa, sendo já uma figura altamente apreciada no concelho e fora dele, contando inumeros amigos por entre todos aqueles que tem a felicidade de travar consigo relações, e honrando sobremaneira a terra que nele antevê um dos filhos mais prestigiosos, que tem oferecido á Patria, e sem duvida alguma a estrela de maior brilho que lhe illumina o horizonte das suas esperanças no futuro.

Interpretando, pois, o sentir unanime do publico, e integrando-nos nessa corrente uniforme de sympathia, abraçamos o rev. José da Silva e Castro com a expressão mais sincera de felicitação por tal motivo, e o desejo mais ardente por que tão memoravel data se repita indefinidamente.

NOTICIARIO

José Margaride

Tivemos há dias o grato prazer de receber as melhores noticias do nosso querido e simpatico amigo sr. José Margaride, brioso alferes de cavalaria, que voluntariamente se encontra em França, nos campos da batalha, dando assim uma prova da sua coragem e da sua bravura.

José Margaride, escrevendo-nos dos campos da batalha, participamos estar de saude, o que muito vai alegrar os seus numerosos amigos, que são todos os que o conhecem ou que com ele tem convivido.

Daqui estreitamos contra o coração o seu peito lial, que em França se bate pela Patria enquanto que os que para lá nos mandaram andam para aí a coçar as costas pelas esquinas ou tinham os seus filhos em situações de privilegio, como esses principes de opereta, filhos dos ex-regulos e senhores Afonso, Palhote do Régo e... Norton.

Enquanto que os monarchicos, homens de brio como José Margaride se batem voluntariamente, esses herojs de pechisque e de lata, fogem da guerra como o diabo da Cruz.

Felizmente em tudo somos diferentes e ainda bem!

Aniversarios jornalisticos

Aos nossos illustres colegas Folha da Manhã, de Barcelos, e Gazeta de Famalicão, enviamos os nossos cumprimentos muito amigos e sinceros pelos seus anniversarios passados ultimamente.

Um «PERFIL»

«Mentindo conseguiu o sr. Afonso Costa alcançar fama de financeiro inexcidível. Falsificando numeros, logrou arranjar um sape-ravit flamejante, quando na realidade nem todos os seus jogos malabates de numeros toscamente inventados puderam encobrir um deficit que era simplesmente angustioso. Foi mentindo que levou uns a chamarem-lhe Marquez de Pombal do nosso tempo, como se alguma vez um indigena da Estrela, com instintos de lobo e ambições desmedidas de aventureiro, que nenhuma especie de cultura amaceara, pudesse dar outra coisa, uma vez senhor do poder, diferente do que o sr. Afonso Costa deu—um tiranete grotesco, que para se dar ares, em dias de chacinia iminente decorava a lapela com cravos vermelhos, para nos dar a entender que estava preparado para tudo...»

(Do «Jornal da Tarde», de Lisboa)

Neves de Castro

Fomos surpreendidos com a inesperada noticia do falecimento do sr. Francisco Neves de Castro, tenente-coronel reformado, pai do estimado clinico de Matosinhos, que está exercendo as funções de administrador daquele concelho, sr. dr. Francisco Neves de Castro Junior, e das ex.^{mas} esposas dos srs. dr. Pedro Guimarães, illustre clinico, e José Augusto Dias, considerado banqueiro do Porto.

O finado estava accidentalmente na sua casa de Leça da Palmeira e ali faleceu. Não estão feitos ainda três mezes do falecimento de sua veneranda esposa e desde então a perda da sua companheira de tantos anos produziu no sr. Neves de Castro uma funda dôr moral que lhe deve ter abreviado os dias da sua vida.

Tinha 75 anos e pertencia á arma da administração militar. Assentou praça e saiu alferes em 15 de março de 1865, tenente em 22 de dezembro de 1874, capitão em 15 de outubro de 1879, major em 2 de março de 1887 e tenente-coronel em 14 de maio de 1891, tendo-se reformado em 11 de janeiro de 1896.

Era condecorado com a medalha de S. Bento de Aviz por serviços distintos e possuia a medalha de prata da classe de comportamento exemplar. Era de uma grande respeitabilidade, tendo grangeado a consideração geral, pelas suas afaveis qualidades de caracter.

O funeral do illustre extinto verificou-se na terça-feira, ás 5 horas da tarde, na igreja de Santo Ildefonso, sendo o acto selectamente concorrido.

A familia dorida apresentamos pezames, especializando seu genro o nosso querido amigo sr. dr. Pedro Guimarães e sua dedicada e extremosa esposa.

AO LEITOR

Depois de lido, enviar este jornal á Junta Patriótica do Norte (Paços do Concelho—Porto) para esta o fazer chegar aos nossos soldados no front.

Secretaria do Interior

Da secretaria de Estado do Interior, direcção do serviço dos abastecimentos, recebemos dois opusculos sobre a questão do peixe, que versam sobre as causas que determinaram o seu encarecimento e a maneira de conseguir a sua abundancia e baixa de preço.

Na Escola de Guerra

Deu-se no dia 14 um intoxicamento na Escola de Guerra, que atacou um grande numero de alumnos, depois do jantar. Fazem-se investigações sobre o extranho caso que, infelizmente, já tem precedentes e não muito distantes.

Esperamos que desta vez dessas investigações se conclua alguma cousa pratica e que todas as responsabilidades desse facto, que podiam ter consequências gravissimas, venham a ser apuradas.

EXPEDIENTE

Está em cobrança a assinatura deste semanario. Aos nossos estimados assinantes do concelho, onde não pode ser feita

Ex.^{ma} Sr.

a cobrança pelo correio, rogamos a fineza de mandarem pagar na administração—Rua de Paio Galvão, 70, o que agradece-mos.

Passa-se a Merceria Traz de S. Paio, por o seu proprietario ter de mudar para a Corredoura. Está bem afreguezada. Rua de S. Paio, 45—Guimarães.

IRMANDADE DE S. TORCATO CONCURSO

Na secretaria da Irmandade de S. Torcato, Guimarães, recebem-se propostas para a obra de pedreiro da torre nascente da sua Igreja, até ás 13 horas do dia 10 de Outubro. O projecto e condições estarão patentes ao exame dos interessados, em Guimarães, no estabelecimento da Viuva de João Gualdino Pereira, Sucessor, e no Porto, na Praça do Marquez de Pombal, 44.

S. Torcato, 9 de Setembro de 1918.

O Juiz,

Pedro Guimarães.

EDITAL

(1.^a Publicação)

A Comissão Administrativa da Camara Municipal do concelho de Guimarães:

Faz saber, para conhecimento dos interessados, que por espaço de 30 dias, a contar da data do 1.^o de Outubro, desde as 11 ás 16 horas de todos os dias uteis, se acha aberto o cofre municipal para a cobrança dos fóros vencidos no dia 29 de Setembro do corrente ano.

São prevenidos os interessados de que os conhecimentos dos referidos fóros, que não forem pagos durante o indicado praso, serão relaxados, afim de ser cobrada a sua importancia por meio de execução judicial na conformidade da lei, tendo por isso os interessados de pagar as custas a que derem causa.

E para constar se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Guimarães, Secretaria Municipal, 21 de Setembro de 1918. E eu José Maria Gomes Alves, chefe da Secretaria da Camara o subscrevi.

(18) O presidente,

João Rocha dos Santos.